

## 8º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

### A EXTENSÃO RURAL COMO INDUTORA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: O PROJETO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-PR

Oswaldo Hidalgo da Silva<sup>1</sup>  
Ednaldo Michellon<sup>1</sup>  
João Augusto Lopes Pascoalino<sup>2</sup>  
Silas Maciel de Oliveira<sup>2</sup>

O objetivo do trabalho é demonstrar as experiências realizadas no Projeto de Extensão Rural desenvolvido pelo Departamento de Agronomia (Disciplina de Extensão Rural), da Universidade Estadual de Maringá - PR. O Projeto vem sendo desenvolvido junto às comunidades rurais e urbanas desde 1991, envolvendo a participação de diferentes setores da sociedade (acadêmicos agricultores familiares, produtores rurais, donas de casa, jovens, crianças, profissionais liberais, professores, técnicos e outros. Entre os diferentes setores da sociedade que demandam esse serviço encontram-se, prefeituras, cooperativas, empresas públicas e privadas, associações de produtores e de bairros, sindicatos, associações profissionais, assentamentos de reforma agrária e colégios agrícolas. Os acadêmicos dos cursos de Agronomia e Zootecnia desenvolvem atividades que proporcionam aos participantes da comunidade local e regional conhecimentos atualizados em distintas áreas de formação desses futuros profissionais além de atender demandas localizadas e indicadas pelos produtores rurais. Desde 1991 até Dezembro de 2009, foram realizadas 400 atividades, atingindo 98 municípios, sendo 85 no Estado do Paraná, 09 no Estado de São Paulo, 03 no Estado de Mato Grosso do Sul e um no Estado de Santa Catarina, com público total participante no período de 26.826 pessoas. O ensino nesse projeto funciona com a fundamentação teórica das atividades, a pesquisa fornece os resultados que a extensão por sua vez divulga nas atividades realizadas. Desta forma, procura-se contribuir no processo de desenvolvimento regional pela difusão de inovações e pela integração dos diferentes segmentos da sociedade. Com a ação do projeto, contribui-se com a inclusão e integração dos diversos atores sociais ante os temas desenvolvidos e também com o desenvolvimento local e regional.

#### **Palavras-chave**

Desenvolvimento regional. Educação. Extensão rural.

#### **Área Temática**

Tecnologia e Produção.

#### **Coordenador do Projeto**

Oswaldo Hidalgo da Silva (ohsilva@gmail.com), Departamento de Agronomia – UEM.

<sup>1</sup> Prof. Dr. do Departamento de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Aluno de Graduação da Universidade Estadual de Maringá

## Introdução

Com base no modelo Difusionista - Inovador, proposto por Everett Rogers, o serviço de Extensão Rural objetivava a mudança social das sociedades subdesenvolvidas por meio da atuação dos programas de cooperação técnica. A mudança social era entendida pela substituição de tecnologias e estruturas sociais tradicionais por outras, consideradas modernas. As inovações deveriam ser levadas a essas sociedades por meio das agências de cooperação, num processo de mudança por contato induzida. Fazia-se uma distinção entre comunicação (divulgação de idéias) e a difusão (divulgação de idéias novas), e para reforçar a necessidade dos programas de cooperação, trabalhava-se com o que era considerado novo (FONSECA, 1985, TAVEIRA, 2005).

O modelo Difusionista – Inovador considera as estruturas institucionais estáveis e despreza o conhecimento tradicional dos produtores, assim como os processos históricos e os movimentos sociais. Em função disso, o alcance de resultados positivos junto aos agricultores familiares é mínimo.

Paulo Freire (1977) em sua obra *Extensão ou Comunicação?* coloca a dimensão educativa do trabalho do extensionista. A partir de seus estudos iniciou-se a construção do que pode ser denominado modelo Educativo Libertador. O autor rompe com a tese de que o saber do técnico seria superior ao do agricultor, conseqüentemente na extensão rural educativa e libertadora, extensionistas e agricultores são igualmente conhecedores de saberes.

A educação não se esgota no domínio da técnica, já que esta não existe sem a presença do homem. O trabalho extensionista deve buscar antes de tudo um diálogo com os produtores, conhecer a realidade, para com eles, poder transformá-la. O extensionista que elabora, mesmo que em equipe, um programa de assistência técnica e extensão rural sem a percepção crítica dos produtores envolvidos estão, na verdade, colaborando para que ocorra uma invasão cultural, uma invasão na cultura dos agricultores (FREIRE, 1977).

Por sua vez, no estado do Paraná, inicialmente as ações do serviço público de extensão rural baseavam-se, sobretudo, em conservação do solo, correção da acidez do solo, adubação, combate a pragas e doenças das culturas, melhoramento das culturas, mecanização agrícola, sanidade animal, melhoramento das pastagens, administração rural, educação florestal e reflorestamento. A ênfase dada aos serviços de extensão rural não foi apenas à questão técnica, mas também houve a preocupação de criar formas de organização da população rural por meio de associações e cooperativas.

Contudo, o trabalho desenvolvido pelo MDA/DESER/EMATER (2004) indica que a atividade extensionista está fundamentalmente, voltada para questões produtivistas, ou seja, aquelas direcionadas à produção agropecuária em detrimento das atividades dirigidas para a organização, desenvolvimento comunitário e ações ligadas à melhoria da qualidade de vida da população, ações essas que seriam prioritárias para os agricultores familiares, público alvo dos serviços de extensão rural.

Cabe ressaltar que desde 1977, um grupo de professores universitários que, reunidos por ocasião da XVI Reunião Anual da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior, questionou o ensino da Extensão Rural nas Universidades brasileiras e

<sup>1</sup> Prof. Dr. do Departamento de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Aluno de Graduação da Universidade Estadual de Maringá

passou a debater o tema visando um novo currículo para a disciplina. A preocupação centrava-se na tentativa de mudar a ênfase tecnicista da extensão rural importada de uma realidade econômica e social diferente da realidade brasileira. Dessa forma, a abordagem estaria voltada para a compreensão dos problemas locais e para a criação de alternativas e propostas de soluções adequadas às comunidades rurais (MA. SUPLAN/ABEAS, 1977) (Caporal 1991).

Nesse sentido, acredita-se que uma das principais barreiras que os profissionais das Ciências Agrárias no Brasil devem superar no âmbito do trabalho extensionista, junto aos agricultores familiares, é a divergência entre sua visão técnica inserida na dinâmica do agronegócio e as demandas dos diversos segmentos da agricultura familiar, para as quais, boa parte desses profissionais não está preparada.

Na Universidade Estadual de Maringá – UEM, a disciplina de Extensão Rural passou a ser ministrada sistematicamente a partir de 1977 com a introdução dos cursos de Agronomia e Zootecnia, que foram criados em meados da década de 1970, com o objetivo de contribuir no processo de desenvolvimento regional, buscando também a inclusão social.

Dentro dessa perspectiva, esse artigo objetivou apresentar a síntese do Projeto de Extensão Rural, idealizado pelo Departamento de Agronomia da UEM (Michellon, 1991), cuja finalidade principal é contribuir para o desenvolvimento regional e, ao mesmo tempo, solidificar a formação social, política, cultural e cidadã dos futuros profissionais.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada está inserida no contexto de ensino-aprendizagem, consistindo em organizar grupos de acadêmicos que cursam a disciplina de Extensão Rural para que os mesmos, livremente, escolham formas de atuação práticas junto à realidade rural. Para isso, devem observar alguns aspectos gerais: integração entre disciplinas dos cursos, público (preferencialmente rural), escolha de métodos coerentes com os temas elegidos e atuarem participativamente no desenvolvimento da atividade.

Uma vez atendidas essas exigências, os acadêmicos, sob orientação dos professores da disciplina, planejam a ação pedagógica. Dessa forma, realiza-se o levantamento de problemas, necessidades, interesses e/ou potencialidades do público ou instituição que demanda a atividade extensionista, definindo, assim os objetivos gerais e específicos da ação a ser executada.

Como consequência dessas decisões, escolhe-se o método ou a combinações de métodos que seja o mais adequado à situação. Dentre os métodos escolhidos para a prática extensionista, temos: Dias de Campo, Reuniões Práticas, Técnicas, de Dinamização, Palestras, Visitas Técnicas, Excursões, Exposições, Simpósios, Unidades Demonstrativas, Demonstrações de Resultados, Cursos, Campanhas entre outras.

Essa etapa é sistematizada através de um projeto específico de ação que serve como base para a execução no campo ou onde for programada a atividade. Vale salientar, que a parte metodológica inclui também os contatos pessoais internos ou externos à Universidade como a busca de patrocínio, escolha do local para a realização da atividade, transporte, refeição, divulgação nos diferentes meios de comunicação, além de constantes reuniões com a equipe e com os professores orientadores.

<sup>1</sup> Prof. Dr. do Departamento de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Aluno de Graduação da Universidade Estadual de Maringá

## **Resultados e Discussão**

O modelo de educação voltado apenas para a adoção de inovações não é a linha seguida por esse projeto. Especificamente, as atividades são desenvolvidas levando em conta uma relação horizontal alunos, professores e envolvidos nas atividades extensionistas.

Dessa forma, a preocupação de melhor preparar os alunos para o campo de trabalho no contexto da Extensão Rural o projeto vem sendo desenvolvido desde 1991 junto a alunos do curso de Agronomia e Zootecnia da Universidade Estadual de Maringá. Os alunos são envolvidos diretamente com os agricultores, cujo objetivo é a atuação desses futuros profissionais conhecendo a realidade do público e assim propor e discutir práticas e metodologias que estejam de acordo com a realidade e demanda dos próprios participantes do projeto.

De agosto de 1991 até dezembro de 2009, foram realizadas 400 atividades, atingindo 98 municípios, sendo 85 no estado do Paraná e 09 municípios em São Paulo, 03 no Mato Grosso do Sul e um município em Santa Catarina, com público participante nesse período de 26. 826 participantes dos mais diversos segmentos, como acadêmicos, agricultores familiares, trabalhadores rurais, povos indígenas, profissionais liberais, donas de casa, crianças, além do público urbano. (Silva e Michellon, 2007).

Entre os diferentes setores da sociedade que demandaram esse serviço, encontram-se agricultores familiares, produtores rurais, prefeituras, cooperativas, empresas públicas e privadas, associações, sindicatos, profissionais liberais, assentamentos de reforma agrária, escolas e colégios agrícolas.

Por último, esses resultados se tornam mais relevantes quando se detecta que a inovação de processo e de produto é um dos pilares do processo de desenvolvimento. Ou seja, na visão Schumpeteriana, as “inovações tecnológicas” passam por cinco categorias de fatores: a) fabricação de um novo bem; b) introdução de um novo método de produção; c) abertura de um novo mercado; d) conquista de uma nova fonte de matérias-primas; e, e) realização de uma nova organização econômica. (Sandroni, 1985)

Por isso, a extensão rural não está imbricada apenas com estes fatores, mas também atua no sentido de ser agente na orquestração dos interesses regionais, que redundem em melhoria geral do bem-estar da sociedade na qual está inserida, sem perder de vista as necessidades específicas de cada público trabalhado nas ações pedagógicas.

## **Conclusões**

Os alunos e professores envolvidos no projeto avaliam como positiva essa inter-relação Ensino, Pesquisa e Extensão, com benefício direto na capacitação dos futuros profissionais dos cursos de agronomia e zootecnia, assim como na contribuição para o desenvolvimento regional e atendimento à comunidade.

O fluxo de conhecimento sobre os problemas do campo de modo direto é salutar e indispensável aos estudantes e professores da área de ciências agrárias.

A Extensão Rural da forma como apresentada nesse projeto vem agregando esse fator nas atividades desenvolvidas junto à comunidade local e regional, além das atividades dos departamentos envolvidos.

<sup>1</sup> Prof. Dr. do Departamento de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Aluno de Graduação da Universidade Estadual de Maringá

O projeto proporciona aos acadêmicos problemas novos que podem servir de base de discussão nas diferentes áreas de sua futura atuação profissional. No momento em que se discutem as mais variadas estratégias de inclusão social e de desenvolvimento regional integrado, as ações da extensão rural, não só da UEM, mas também da Emater, de cooperativas e das ONGs e outras instituições, poderão contribuir decisivamente para o êxito dos projetos nas fases do Saber, Querer e Poder, que são as etapas percorridas pelos agentes antes da adoção de uma inovação.

### **Referências Bibliográficas**

CAPORAL, F. R. *A extensão rural e os limites à prática dos extensionistas do serviço público*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria. 1991. 201p. (Dissertação de mestrado).

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FONSECA, Maria Tereza Lousa da. *A Extensão Rural no Brasil, um projeto educativo para o capital*. São Paulo, Ed. Loyola, Coleção popular nº 3, 1985.

MA.SUPLAN/ABEAS. Reunião Nacional de professores de Extensão Rural. Belo Horizonte, 89p

MDA/DESER/EMATER. *Diagnóstico da rede de serviços de apoio à agricultura familiar no estado do Paraná*, 2004.

MICHELLON, E. *Projeto de extensão rural*. Maringá, UEM, 1991.

SANDRONI, P. *Dicionário de economia*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

SILVA, O. H. da; MICHELLON, E. *Relatório anual de acompanhamento do projeto de extensão rural*. UEM, 2007.

TAVEIRA, L. R. S. *A extensão rural na perspectiva de agricultores assentados do Pontal do Paranapanema*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. 2005. 143p. (Dissertação de Mestrado).

<sup>1</sup> Prof. Dr. do Departamento de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Aluno de Graduação da Universidade Estadual de Maringá